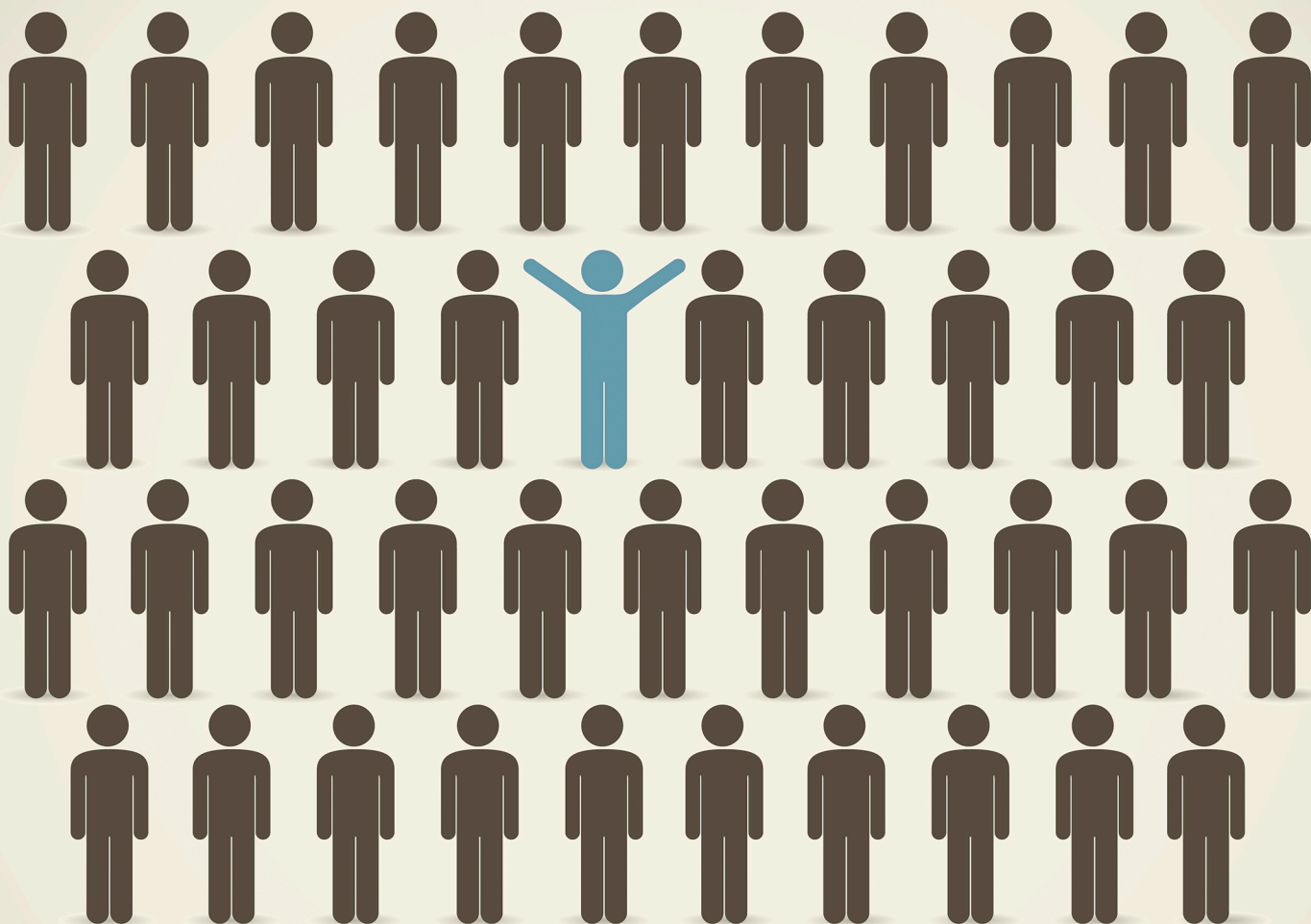


TENDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICO-TEÓRICAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

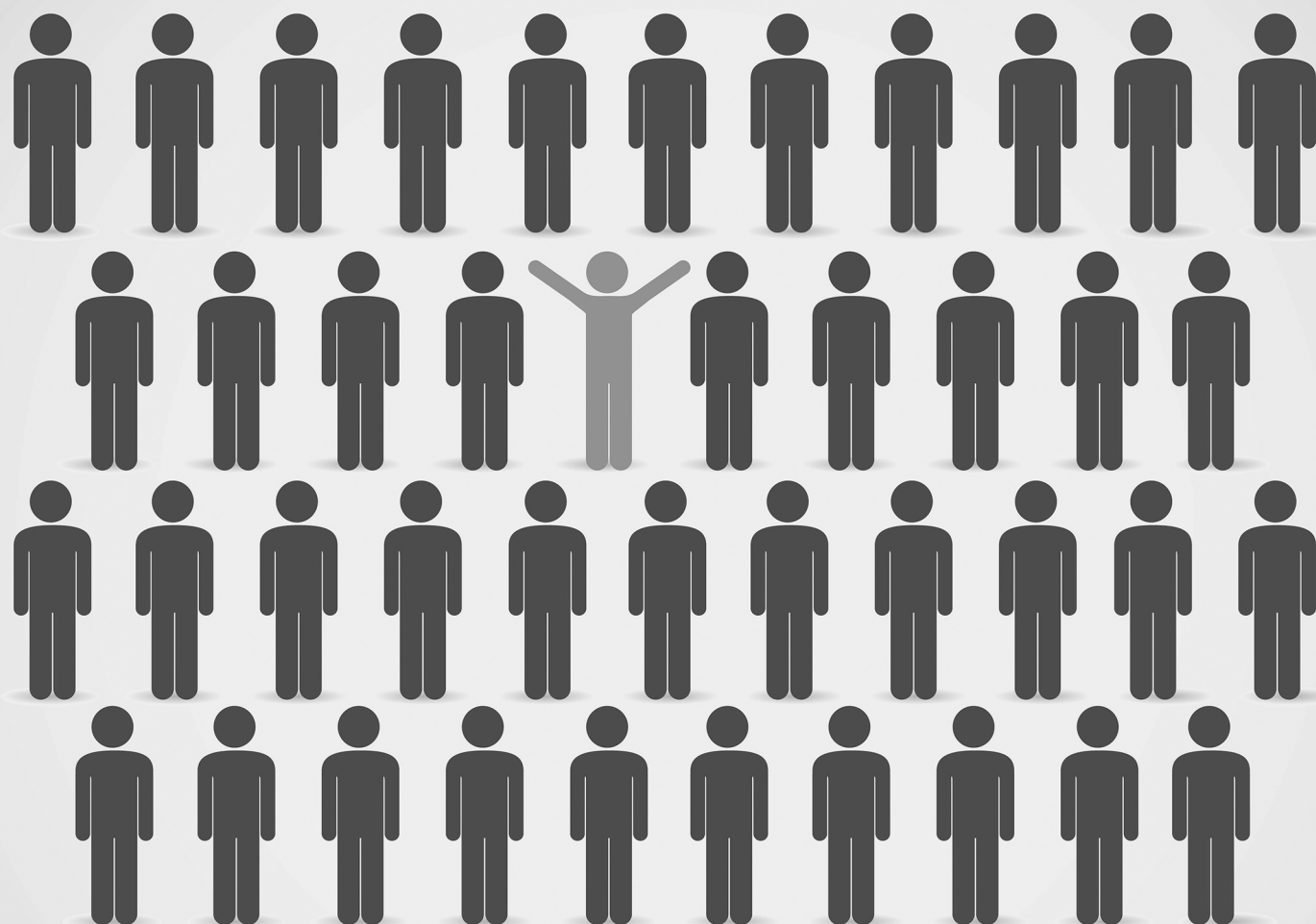
Denise Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

TENDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICO-TEÓRICAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

Denise Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T291	<p>Tendências epistemológico-teóricas das ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-039-1 DOI 10.22533/at.ed.391201205</p> <p>1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Pereira, Denise.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A epistemologia transformou-se numa área relevante para as ciências sociais aplicadas, muitos pensadores e intelectuais têm dedicado parte de seu tempo para refletir este tema complexo e amplo, considerados como os mais importantes críticos, muitas vezes, até radicais no questionamento da ciência e da tecnologia, pois, as mesmas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Vivemos um momento do triunfo da ciência. Tudo indica que é a civilização científico-técnica que elabora, sob medida, as condições ideais de nossa existência.

Etimologicamente, “Epistemologia” significa discurso (logos) sobre a ciência (episteme), (Episteme + logos). Epistemologia: é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. É o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento.

A tarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico.

O conhecimento científico é provisório, jamais acabado ou definitivo. É sempre tributário de um pano de fundo ideológico, religioso, econômico, político e histórico.

De modo geral, este tema é tratado em relação às Ciências Sociais aplicadas como um todo. Mas a ênfase na discussão epistemológica aqui apresentada será aplicada às Ciências Sociais para, a partir de tais análises, ser possível pensar a questão da pesquisa científica na investigação do fenômeno como um todo.

Espero que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
HISTÓRIA E LEGALIDADE DO TERCEIRO SETOR	
Marlene de Fátima Campos Souza	
Eric Matheus Cescon Smaniotto Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3912012051	
CAPÍTULO 2	15
INDICADORES GERENCIAIS DA SANESUL: ANÁLISE DO PLANO DE METAS E SUA APLICAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL	
Rodrigo Custódio de Mello Sogabe	
Marco Antonio Costa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3912012052	
CAPÍTULO 3	32
INTERSECÇÕES PARA PENSAR AGÊNCIA IDENTIDADE E A EXPRESSÃO SOCIOPOLÍTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
Késia Marisla Rodrigues da Paz	
Reni Aparecida Barsaglini	
Marta Gislene Pignatti	
DOI 10.22533/at.ed.3912012053	
CAPÍTULO 4	43
MECANISMOS DE DESORDEM DA INFORMAÇÃO: A AUTONOMIA DOS INDIVÍDUOS DIANTE DA MANIPULAÇÃO DE FATOS E DADOS EM AMBIENTES DIGITAIS	
Marcus Vinicius de Souza Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.3912012054	
CAPÍTULO 5	49
MULHER, CORPO E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS COM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE	
Ayni Estevão de Araujo	
Leila Rodrigues Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.3912012055	
CAPÍTULO 6	62
NEGOCIAÇÕES COM UM AGRUPAMENTO MILITAR ESTATAL: O INÍCIO DE UMA ETNOGRAFIA COM O CORPO DE BOMBEIRO	
Talita Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3912012056	
CAPÍTULO 7	72
O PENSAMENTO EXISTENCIALISTA SARTRIANO E AS CONTRIBUIÇÕES AO DIREITO DO TRABALHO: INTERSECCIONALIDADES EM DEBATE NA LUTA POLÍTICA DOS/AS TRABALHADORES/AS	
Guilherme Baggio Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3912012057	

CAPÍTULO 8	86
PAPEL DA COMISSÃO DE ESTÁGIO PROBATÓRIO NA AVALIAÇÃO DO SERVIDOR MUNICIPAL	
Cristiane Cardozo Padilha	
DOI 10.22533/at.ed.3912012058	
CAPÍTULO 9	91
PARA ALÉM DA CRIATIVIDADE: OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO EM SETORES CRIATIVOS E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES ÀS ÁREAS TRADICIONAIS DA ECONOMIA	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.3912012059	
CAPÍTULO 10	105
PERSPECTIVA CRÍTICA DA SITUAÇÃO SOCIAL DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS	
Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos	
Bruna Carvalho Barros Rosa Nobre	
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti	
Sílvia Maria Ferreira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.39120120510	
CAPÍTULO 11	120
PLANEJAMENTO DA MOBILIDADE SUSTENTÁVEL: INDICADORES E ESTRATÉGIAS PARA CAMPUS UNIVERSITÁRIOS	
Lucas Pinto de Carvalho	
Jose Ricardo Marar	
DOI 10.22533/at.ed.39120120511	
CAPÍTULO 12	135
PROCESSO DE INDEXAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS	
Bianca Borges da Silva	
Janiely Martins Florêncio Mota	
José Demétrio Bantim de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.39120120512	
CAPÍTULO 13	145
PROCESSO DECISÓRIO E NEGOCIAÇÕES: A INSERÇÃO DA RÚSSIA NA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC)	
Hiaman Rodrigues Silva Santos	
Janina Onuki	
DOI 10.22533/at.ed.39120120513	
CAPÍTULO 14	159
QUEM DISSE QUE BULLYING É COISA DE CRIANÇA? UMA REVISÃO SOBRE A INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	
Mychelle Maria Santos de Oliveira	
Elizabeth Ribeiro Luz	
Dalila Sipaúba Rodrigues Moura	
Ana Maria da Cruz Souza Oliveira	
Sara Raquel Araújo Costa	
Maria Camila da Silva	
Adriana Ramos Queiroz	
Raimunda Nonata Melo Costa Simão	

Francisco Gabriel Santos de Oliveira
Raimundo Nonato Santos de Sousa
Jorge Henrique da Costa Abreu
Francisca Tatiana Dourado Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.39120120514

CAPÍTULO 15	173
REFLEXÕES ACERCA DE: MÍDIA, IDEOLOGIA E MITOS NA CONTEMPORANEIDADE	
Gabriel Papa Ribeiro Esteves	
DOI 10.22533/at.ed.39120120515	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	192
ÍNDICE REMISSIVO	193

INTERSECÇÕES PARA PENSAR AGÊNCIA IDENTIDADE E A EXPRESSÃO SOCIOPOLÍTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Data de aceite: 04/05/2020

Data de submissão: 01/03/2020

Saúde Coletiva

Campus de Cuiabá – MT

<http://lattes.cnpq.br/8955823274235148>

<https://orcid.org/0000-0001-7942-3847>

Késia Marisla Rodrigues da Paz

Mestre e doutoranda em Saúde Coletiva

Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em
Saúde Coletiva

Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Saúde Coletiva

Campus de Cuiabá – MT

<http://lattes.cnpq.br/9598944284275446>

<https://orcid.org/0000-0003-2727-8427>

Reni Aparecida Barsaglini

Pós-doutora pelo Centro de Estudos Sociais da
Universidade de Coimbra/Portugal

Doutora em Saúde Coletiva - UNICAMP

Associada I e credenciada nos programas de pós-
graduação *Stricto sensu* em Saúde Coletiva e em
Enfermagem

Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Saúde Coletiva

Campus de Cuiabá – MT

<http://lattes.cnpq.br/0107366713688433>

<https://orcid.org/0000-0002-8903-2695>

Marta Gislene Pignatti

Doutora em Saúde Coletiva - UNICAMP

Integrante do corpo de docente permanentes do
programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em
Saúde Coletiva

Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de

RESUMO: Trata-se de um ensaio teórico que busca trabalhar reflexões em torno da politização do sujeito a partir da experiência coletiva fomentada pelos movimentos sociais, articulado com os conceitos de identidade, agência e agenciamento como importantes propulsores de mudanças na sociedade. Para isso, partimos do pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari e cientistas sociais contemporâneos afiliados ao pós-estruturalismo em virtude das suas contribuições teórico-críticas em torno da temática em destaque. Nesse delinear, buscamos adentrar na dimensão política da experiência e no processo de (des)construção da identidade, e nesse constructo, a politização do sujeito. As discussões foram realizadas de forma não cronológica buscando um encadeamento teórico que facilitasse as reflexões, em dois tópicos: A) A (des)construção da identidade individual e coletiva; Agenciamento e agência: mobilizando a politização do sujeito; B) Os movimentos sociais são agentes promotores tanto do agenciamento, quanto da agência

individual e coletiva, constituindo-se num importante instrumento de transformação social e política da sociedade. Considerando o cenário pós-moderno é imperativo questionar como os processos de identificações e diferenciações podem ser reconhecidos sem que haja a fragmentação do sujeito e, como identificar e problematizar as formas de organizações sociais, os instrumentos e os espaços utilizados para isso.

PALAVRAS-CHAVE: Agência; Agenciamento; Identidade; Politização do sujeito; Movimentos sociais.

INTERSECTIONS TO THINK AGENCY IDENTITY AND THE SOCIO-POLITICAL EXPRESSION OF SOCIAL MOVEMENTS

ABSTRACT: This is a theoretical essay that seeks to work reflections around the politicization of the subject from the collective experience fostered by social movements, articulated with the concepts of identity, agency and agencying as important drivers of change in society. To this end, we start from the ideas of Gilles Deleuze, Félix Guattari and contemporary social scientists affiliated to post-structuralism by virtue of their theoretical-critical contributions around the thematic in question. In this outline, we entered into the political dimension of experience and the process of (de)constructing identity, and in this constructo, the politicization of the subject. The discussions were held non-chronological way, seeking a theoretical enchainment that would facilitate the reflections, in two topics: A) The (de)construction of individual and collective identity; Agencying and agency: mobilizing the politicization of the subject; B) Social movements are agents promoting both agency and individual and collective agency, constituting an important instrument of social and political transformation of society. Considering the post-modern scenario it is imperative to question how the processes of identification and differentiation can be recognized without the fragmentation of the subject and how to identify and to problematize the forms of social organizations, the instruments and spaces used for this.

KEYWORDS: Identity; Agency; Agencying; Politicization of the subject; Social movements.

1 | INTRODUÇÃO

Como parte do arcabouço teórico da tese “Racismo e agência na experiência de agentes políticos e pessoas com Anemia Falciforme em Mato Grosso¹”, o propósito desse artigo é trazer um apanhado teórico que permita reflexões em torno da politização do sujeito a partir da experiência coletiva fomentada pelos movimentos sociais, articulando com os conceitos de identidade, agência e agenciamento como motrizes de mudança social.

1. Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

Para refletirmos de maneira organizada sobre movimentos sociais e sua relação com o processo de politização dos sujeitos consideraremos, a priori, o conceito de experiência e seu caráter intersubjetivo, uma vez que transcorre em contextos diferentes e nas interações sociais que se transformam ao longo do tempo e espaço. A experiência, nesse sentido, é um fenômeno singular em conteúdo e sequência (SCHUTZ, 1979).

A partir das interações efetivadas no mundo da vida cotidiana, cada indivíduo se situa em determinada circunstância biográfica, resultante da sua interação com o ambiente físico, histórico e sociocultural no qual ocupa uma posição. Há o estabelecimento tanto em termos de espaço físico, seu *status* e papel dentro do sistema social, como o alcance de determinada posição moral e ideológica (SCHUTZ, 1979).

A experiência se constrói nas relações cotidianas e requer uma interpretação daquilo que se experimentou e que se quer explicar. Sendo assim, o que se considera como experiência está sempre em disputa e, por isso, é sempre político (SCOTT, 2001). A experiência é um espaço discursivo de formação do sujeito, permeado por diferentes posições de sujeitos, de subjetividades diversas e ao mesmo tempo singulares, que são criadas, reafirmadas ou rejeitadas (BRAH, 2006).

Como afirma Scott (2001, p.72): “Esto conlleva poner la atención en los procesos de producción de identidad e insistir en la naturaleza discursiva de la “experiencia” y en la política de su construcción”. Esse caráter político impetra questionamentos em torno dos processos de criação dos sujeitos, considerando quem interpreta e a conjectura história de sua construção (SCOTT, 2001 p. 72).

Dado o seu caráter político-social, os movimentos sociais têm sido historicamente, fontes de politização do sujeito a partir de práticas geradoras de saberes, com efeitos na construção de identidades coletivas, interpretação da realidade social pelos grupos, na busca de direitos e posicionamentos frente aos contextos vividos, enfim, como promotores de mudanças na sociedade.

Do ponto de vista conceitual, os movimentos sociais são compreendidos enquanto uma ação histórica do grupo social em que há a ação coletiva. É estruturado a partir de modos de ação (ex. protestos, passeatas, lutas) em um espaço não institucionalizado, nem público, nem privado, com o qual se cria um campo político, de disputas e interesses (GOHN, 2001).

É importante ponderar que as ações coletivas efetivadas pelos movimentos sociais levam a inovações e transformações da sociedade civil e política. Nessas ações coletivas, mesmo que alguns indivíduos tenham destaque (muitas vezes são reconhecidos como a liderança do movimento social), estes são tidos como representantes do coletivo e falam pelo coletivo, cujas mensagens e ideologias representam o movimento ao qual estão inseridos (GOHN, 2011).

Há a criação de uma identidade coletiva, concebida como “processo de significação pelo qual as experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação – classe, casta ou religião – são investidas de significados particulares” (BRAH, 2006 p. 271-272).

Destacamos as contribuições que a abordagem de Schutz nos traz para a compreensão das relações intersubjetivas a partir das interações face a face. Mas nessa empreitada, busca-se uma ampliação desse olhar, tanto nos aspectos subjetivos, como os objetivos que entremeiam a experiência do indivíduo e do coletivo social na sua politização.

Para isso, partiremos do pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari e cientistas sociais contemporâneos afiliados ao pós-estruturalismo² em virtude das suas contribuições teórico-críticas em torno dos conceitos a serem trabalhados.

Para fins de organização das discussões, o presente artigo está segmentado em dois tópicos: A) A (des)construção da identidade individual e coletiva; B) Agenciamento e agência: mobilizando a politização do sujeito.

2 | A) A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA

A identidade apresenta centralidade para entender agência e política e se constitui, na pós-modernidade, como um tema complexo, que necessita do aclarar tanto da sua impossibilidade (da identidade) enquanto algo estanque, e dos aspectos psíquicos e discursivos na sua constituição (HALL, 2006). Para isso, torna-se imprescindível a desconstrução desses agentes políticos, o que perpassa pelo entendimento da construção das suas identidades enquanto sujeito e enquanto coletivo.

Há que se destacar que nas novas configurações da Pós-Modernidade, os quadros de referências que permitiam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social, têm passado por uma ampla transformação com repercussão na estrutura e processos centrais da sociedade, e como uma de suas repercussões a chamada ‘crise de identidade’ (HALL, 2006, p. 7).

As velhas identidades que geravam essa estabilidade estão “dando” lugar às múltiplas identidades, algumas vezes contraditórias e inconclusivas, tornando o indivíduo pós-moderno fragmentado, em constante processo de identificação, ou seja, um processo através do qual “nos projetamos em nossas identidades culturais” (HALL, 2006, p. 12).

____ Há uma perda de um sentido de si imutável do sujeito, pois ocorre em relação
2. O pós-estruturalismo emerge no final do século XX, não como uma corrente filosófica, mas como uma forma de repensar e reanalisar as teorias estruturalistas instaurando uma desconstrução de alguns conceitos considerados como verdades absolutas e centrais. É um movimento filosófico interdisciplinar que corporifica diferentes conhecimentos e práticas críticas. Sua característica marcante é a análise das formas simbólicas, da linguagem, como constituintes da subjetividade (AGUILAR; GONÇALVES, 2017).

ao lugar que ocupa e da própria concepção de si. Essa construção da identidade é cultural, histórica e se dá em consonância com aspectos psíquicos, mudanças institucionais e estruturais que envolvem, continuamente, o(s) sujeito(s) e a sociedade, marcada pelo processo de globalização. Sendo assim, Hall (2006) trata da fragmentação da identidade associada a uma noção de identidade não fixa, mas dinâmica, anti-essencialista e sem núcleo estável. Ao propor o termo identificação, o autor reitera a ideia de algo em constante (re)construção.

A construção da identidade é permeada pela questão da diferença, sinalizada por Hall (2006) como um dos elementos que permite a percepção do “Eu” em relação ao Outro. Brah (2006, p. 374) conceitua a diferença como a “variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos” não se limitando a um marcador de hierarquia e/ou opressão pois é relacional aos contextos em que discorre.

A autora supracitada problematiza a diferença a partir de quatro eixos de análise: diferença como experiência; diferença como relação social; diferença como subjetividade e; diferença como identidade. Há a defesa da experiência enquanto espaço de formação de sujeitos, em que o “eu” e o “nós” apresentam múltipla localidade, sucessivamente assinaladas por práticas culturais e políticas. A diferença como subjetividade é o processo que se estabelece entre o sujeito e sua relação com o mundo, o qual prova sua identidade a partir do que é contrário à sua construção.

Enquanto relação social, a diferença é assinalada, a princípio, por trajetórias históricas e atuais em torno dos contextos e práticas culturais que possibilitam a identidade coletiva. A diferença como relações sociais “sublinha a articulação historicamente variável de micro e macro regimes de poder, dentro dos quais modos de diferenciação tais como gênero, classe ou racismo são instituídos em termos de formações estruturadas” (BRAH, 2006 p. 363).

Essas construções de identidades coletivas são produtos de uma mobilização política que ocorre em espaços de poder, com vistas a reeditar a subjetividade a partir da perspectiva de uma experiência coletiva. Para isso, os discursos em torno dessas construções são envoltos em alguma visão compartilhada da história da coletividade (BRAH, 2006). Como um processo fundamental da relacionalidade, a separação dos sujeitos em grupos é delimitada pelas “fronteiras identitárias” criadas, que estabelecem quem pertence ou não ao grupo com a produção subjacente de sentimentos de similaridade e filiação, e entendimento sobre responsabilidades e ações (LAMONT; MOLNÁR, 2002).

Essas “fronteiras identitárias” são inscritas na formação dos movimentos sociais, que adotam uma identidade coletiva cujas ações de um grupo são constituídas em um coletivo social, com identidade e objetivos em comum para a ação, uma vez que

experimentam uma realidade compartilhada.

A partir de uma revisão sistemática de uma diversidade de paradigmas teóricos na compreensão dos movimentos sociais, Gohn (2011) propõe uma conceituação teórica com base em aspectos estruturais e simbólicos, e os define como:

[...] ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados (GOHN, 2011 p. 251).

Nesse sentido, reiteramos a importância que as pesquisas sobre identidades considerem as consequências políticas que essa constituição múltipla de identidades gera nas relações sociais. E ainda, como os aspectos psíquicos e discursivos em meio às essas condições dadas e herdadas se refletem na construção do agente político individual e coletivo.

É importante ponderar que as ações coletivas efetivadas pelos Movimentos Sociais levam a inovações e transformações da sociedade civil e política (GOHN, 2011), e constituem um dos principais instrumentos de mobilização social (SZTOMPKA, 2005).

As reflexões acerca da construção da identidade individual e coletiva apresentam relevância em torno da compreensão da agência e agenciamentos ao considerarmos que a participação nos movimentos sociais não se estabelece por meio de uma lógica estanque, mas se constrói a partir de lógicas de ação oriundas das experiências sociais compartilhadas, cujas conexões e trocas apresentam intersecções e divergências, em um processo contínuo de formação do sujeito e na sua potência (enquanto possibilidade) de causar mudanças na sociedade.

3 | B) AGENCIAMENTO E AGÊNCIA: MOBILIZANDO A POLITIZAÇÃO DO SUJEITO

Para compreendermos os eventos que levam à mudança social, que perpassam pelo processo de politização do sujeito, é necessário adentrarmos aos conceitos de agenciamento e agência.

Sem hierarquizações, mas concebendo o seu núcleo de sentido, o agenciamento é conceituado como um emaranhado de conexões, relações, de termos, pessoas, máquinas de naturezas distintas que se encontram em simbiose (DELEUZE; PARNET, 1998). De forma literal, em seu livro Diálogos, escrito com Claire Parneț, Deleuze define agenciamento:

É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o cofuncionamento: é a simbiose, uma simpatia (DELEUZE e PARNET, 1998 p.56-57).

Pondera-se que a simpatia, nesse sentido, não tem a ver com um sentimento que possa ser valorado ou com algo que remeta à piedade ou benevolência, mas com o encontro dos corpos. Nesse encontro há uma conexão, que produz novos corpos, que podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais e ou terem outras formas. Assim, a simpatia nestes termos é concebida como “o esforço ou a penetração dos corpos, ódio ou amor, pois também o ódio é uma mistura, ele é um corpo, ele só é bom quando se mistura ao que odeia” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.48).

É importante destacar que a pretensão de Deleuze não é fechar o conceito de agenciamento em si, mas o vislumbra enquanto uma unidade real mínima, que não se traduz na palavra, ideia ou conceito e tão pouco no significante. Os agenciamentos produzem o enunciado e colocam em jogo uma multiplicidade de possibilidades a partir dessas conexões que também são múltiplas, reverberando em mudanças na realidade social.

Ao refletirmos sobre o conceito de agenciamento é notório que a ocorrência dessas conexões se dá entre mais de um mundo, ou seja, esse encontro ocorre na pluralidade de mundos, de humanos e não humanos³. Por isso, esse plano relacional de encontros é também um plano de produção de subjetividades individuais, uma vez que “em certos contextos sociais e semiológicos a subjetividade se individualiza”. (GUATTARI, 1992, p. 19), como também a produção de subjetividades coletivas pois “em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social” (GUATTARI, 1992, pp.19-20).

Os autores assinalam que o conceito de agenciamento tem duas faces que se retroalimentam, uma trata-se do agenciamento coletivo de enunciação e a outra é o agenciamento maquínico do desejo.

O agenciamento coletivo de enunciação traz a perspectiva do falar com, em que o enunciado, produto do agenciamento, fala por todos, ou no lugar de alguém, fala-se por uma coletividade, nunca um sujeito. Os enunciados possuem natureza política, e nessa interface já justifica o seu caráter coletivo. Esses enunciados dão voz política aos indivíduos que se exprimem na coletividade (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Como um exemplo de agenciamento de enunciação podemos retomar ao papel dos movimentos sociais, nos quais um discurso passa a ser de uma coletividade, que se identifica com tal enunciação e estabelece o caráter político a essa relação.

O agenciamento maquínico do desejo se alicerça na concepção de que nada

3. Na concepção de Deleuze é critério para corpos causa, produção ou funcionamento. Nesse sentido, corpos não humanos dizem respeito aos objetos/coisas que fazem parte da vida social humana.

existe sozinho e máquina e humano não são diferentes, mas se pertencem, e também se constitui enquanto agenciamento coletivo de enunciação. A existência se dá na relação com o outro que deseja, nas conexões com o que está dentro e com o que está fora. Esses corpos não humanos à medida que são usados, produzem a estabilização ou conservação das relações sociais, ou mesmo novas conexões (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

O desejo se funda nas dimensões que inauguram o agenciamento sendo elas o estado das coisas, enunciações, territórios e desterritorialização. Assim, o desejo se expressa como algo aspirado em conjunto. Essa semântica corresponde ao construtivismo, pois desejar remete à ideia de construir. Nessa configuração desejar é construir um agenciamento (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

Nas Ciências Sociais, a agência tem um sentido entrelaçado com o de agenciamento. Para a compreensão do termo, vamos nos nortear em compreensões contemporâneas, especialmente para colocar em debate as contribuições da “Teoria da agência” descrita por Sztompka (2005).

Na Teoria da Agência, Sztompka (2005) busca sistematizar e trazer uma releitura das teorias anteriores em torno da agência e da sociologia histórica, desvendando formas inovadoras para pensarmos agência no mundo pós-moderno. O autor explica que o conceito de agência passou por transformações profundas, indo de um caráter sobre-humano e extrassocial, para uma noção humana e socializada. A sua gênese é voltada à compreensão dos processos que levam à transformação social.

A agência pode ser manifestada de duas formas, “desde cima” e “desde baixo”. A manifestação “desde cima” diz respeito ao equilíbrio entre restrições e limitações; recursos e facilitadores. Já a forma “desde baixo” se refere às aptidões, habilidades, talentos, conhecimentos e atitudes dos membros da sociedade, ou coletivos, incluindo os movimentos sociais. Essa manifestação da agência “para baixo” é considerada um passo formidável para a sua releitura. Assim, a agência passa a ser estendida à todas as pessoas e a todos os papéis sociais (SZTOMPKA, 2005).

Os processos de mudanças sociais apresentam uma dimensão temporal e “todos esses processos só podem ocorrer no tempo” (SZTOMPKA, 2005, p. 380). Nessa perspectiva temporal, um evento é produzido por eventos anteriores e é propulsor de eventos futuros, ilustrando sua característica cíclica:

Agência é potencialidade, ou seja, um conjunto de aptidões, disposições, tendências inerentes à trama social, que propicia o seu aparecimento, resume certas propriedades da trama social: ‘É onde se encontram as estruturas (capacidade de operação) e os agentes (capacidade de ação); é um conjunto sintético, uma fusão de circunstâncias estruturais e capacidade propulsora’ (SZTOMPKA, 2005, p. 370).

Estrutura e sujeito são alguns dos elementos dinâmicos da agência e também alguns dos operadores da territorialização de uma potência (possibilidade da ação) ou a concretização da ação (encadeamento de atos). Assim, a agência não é sinônimo da ação, mas algo mais básico e anterior, é a condição de possibilidade do ato, da ação (LÓPEZ, 2004).

A conceituação de agência detalhada por LÓPEZ (2004), alicerçada no conceito de agenciamento proposto por Deleuze e Gatarri, é descrita como uma associação heterogênea que estabelece/conecta fluxos semióticos, materiais e sociais para gerar novas conexões e/ou subverter as anteriores, mostrando a fluidez das relações no mundo e desconstruindo a imposição de dicotomias rígidas.

Essa construção de agência torna possível uma melhor análise da ação política a partir de dois prismas centrais: agência enquanto a possibilidade de um ato político e agência enquanto possibilidade de construção de um lugar de responsabilidade pela ação (LÓPEZ, 2004).

Assim, ponderar sobre os processos em torno do “vir a ser” agentes politizados, cujas ações são organizadas, intencionais e revestidas do senso de responsabilidade social, requer referência ao curso da história, momentos e espaços que mudam as potencialidade e realidades. Assim, faz-se necessário a desconstrução do sujeito da política, desvelando a sua natureza não natural, não determinada e nem definitiva, mas, e, também seus princípios e condições de possibilidade, sendo o sujeito parte da própria ação política (LÓPEZ, 2004).

A compreensão da experiência politizada e a politização do sujeito como processos remete à questão da “agência”. O “eu” e o “nós” passa a ser associados às “modalidades de múltipla localidade, continuamente marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas” (BRAH, 2006 p. 361).

Essas conceituações nos levam à compreensão de que os movimentos sociais podem ser vislumbrados ao mesmo tempo como agentes sociais e produtores de agenciamento, pois, em suma, suas articulações e práticas coletivas geram (em diferentes escalas) transformações na conjuntura política, econômica e sociocultural das sociedades. Eles permitem e estimulam um *continuum* de novas conexões entre os pares e a sociedade, repercutindo na construção coletiva de saberes, na politização dos sujeitos, na constituição de lideranças e na agencia política de cada um.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando de pensar a complexidade dos conceitos e processos de mudanças da agência individual e coletiva, como um dos resultados da crise contemporânea, não trazemos um ponto final para a análise, mas possibilidades de novos prismas

voltados à compreensão da experiência do sujeito e das coletividades e à politização do sujeito.

É inegável que diante de condições e/ou situações que integradas possam oprimir ou perpetuar hierarquias, as pessoas que compartilham dessa realidade são motivadas a agirem frente a esse cenário prejudicial. Criam-se identificações, relações, encontros e responsabilidades que, por vezes, repercutem em movimentos sociais.

Essa integração coletiva ao passo que impetra a construção de identidade coletiva, noções de responsabilidade e intensifica novas experiências, aprendizados e trocas entre o grupo, confere amplitude à voz dos sujeitos, cuja politização é mobilizada em meio a experiência coletiva em curso. Dessa forma, os movimentos sociais são promotores tanto do agenciamento, quanto da agência individual e coletiva, constituindo-se num importante instrumento de transformação social e política da sociedade.

Diante do exposto, parece recomendável que a aplicação de tais conceitos seja feita pensando nas configurações históricas do mundo contemporâneo e, principalmente, no reconhecimento da diversidade de processos de criação e de politização do sujeito.

É necessário, ainda, questionar como os processos de identificações e diferenciações podem ser reconhecidos em que haja a fragmentação do sujeito e, identificar e problematizar as formas de organizações sociais, bem como os instrumentos e os espaços utilizados para isso (tanto físicos, como digitais).

REFERÊNCIAS

AGUILAR, M. A. B.; GONÇALVES, J. P. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento**, n. 9, v. 1, p. 36-44, 2017.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: editora Escuta, 1998.

GOHN, M. G. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2011.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAMONT, M.; MOLNÁR, V. The study of boundaries in the social sciences. **Annu. Rev. Sociol.**, n. 28, p. 167-95, 2002.

LÓPEZ, J. E. E. Del sujeto a la agencia (a través de lo político). **Athenea Digital**, n. 5, p. 1-24, 2004.

SCHUTZ, Z. A. Fenomenologia e relações sociais. In: Helmut HR (Org.). **Textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1979.

SCOTT, J. W. “Experiência”. **La Ventana**, n. 13, p. 49-50, 2001.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração pública 13, 20, 31, 86, 87, 88, 89

Agência 32, 33, 35, 37, 39, 40, 41, 68

Agenciamento 32, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Ancestralidade 49, 50, 53, 57, 58

Antropologia do estado 62

B

Biblioteca Universitária 135, 136, 137, 138, 139, 144

Bolha de filtros 43, 47

Bombeiro militar 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Bullying 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

C

Campi Universitários 120, 125, 126, 131, 133, 134

Catadores de materiais recicláveis 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Certificações 1, 2, 11, 12

Comércio 100, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158

Condição social 106, 184

D

Desinformação 43, 44, 45

Desordem da informação 43, 46, 47

E

Economia Criativa 91

Educação Superior 102, 144, 159

Estágio Probatório 86, 87, 88, 89

Estudo de usuários 135, 136, 140, 141, 143

F

Filtros de personalização 43, 44, 48

G

Gestão de resíduos sólidos 106

H

História 1, 34, 36, 40, 41, 58, 61, 73, 74, 77, 78, 82, 118, 138, 157, 175, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 192

I

Identidade 32, 33, 35, 36, 37, 41, 58, 71, 85, 138, 146, 180, 187, 189

Ideologia 58, 74, 80, 81, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 189, 190

Indexação 135, 136, 139, 140, 142, 143, 144

Índice 21, 24, 26, 27, 28, 30, 111, 120, 121, 125, 130, 131, 132, 134, 141, 168

Inovação 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

M

Metodologia 1, 62, 66, 69, 87, 130, 133, 137, 141

Mídia 4, 47, 48, 173, 175, 176, 177, 181, 187, 188, 189, 190

Mito 173, 174, 184, 185, 188

Mobilidade Sustentável 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 134

Movimentos Sociais 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 49, 52, 54, 72, 78

Mulheres Negras 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 108

N

Negociação 62, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 145, 146, 147, 148, 150, 155, 156, 157

Notícias falsas 43

O

OMC 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

P

Paradoxo da doxa 173, 178

Planejamento urbano 120

Poder 2, 4, 5, 11, 16, 36, 46, 58, 59, 62, 63, 68, 70, 73, 79, 82, 83, 95, 96, 107, 108, 109, 111, 112, 141, 149, 151, 152, 160, 167, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189

Política 21, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61,

68, 72, 74, 76, 77, 79, 82, 84, 85, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 123, 133, 144, 146, 147, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 180, 186, 187, 189, 190

Politização do sujeito 32, 33, 34, 35, 37, 40, 41

Processo de inovação 91, 93, 94, 96, 98, 100, 102

R

Regulamentação 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 79

Rússia 145, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158

S

Saúde 3, 5, 7, 8, 11, 32, 33, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 67, 85, 88, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 129, 151, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 169, 170, 171

Saúde do trabalhador 106

Sense-making 135, 136, 141, 142, 143, 144

Servidor Público 86

Setores criativos 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

T

Terceiro Setor 1, 2, 3, 4, 5, 6, 12, 14

U

Universidade 102, 125, 130, 134, 135, 137, 138, 139, 142, 144, 162, 163, 167, 171

V

Violência 53, 54, 56, 61, 79, 83, 115, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 178, 179, 184

 **Atena**
Editora

2 0 2 0